

Violência Ágora*

*Paola Vieitas Vergueiro***
Gustavo Orlandeli Marques
Guilherme Tavares de Siqueira

Resumo

Este artigo busca uma aproximação psicológica da violência vivida hoje através da teoria junguiana. Com esta finalidade, propõe-se discutir o tema a partir de autores da psicologia analítica. Discute as origens da violência, seus fundamentos biológicos, antropológicos e arquetípicos, e procura identificar como surge e se manifesta a violência no processo de desenvolvimento do indivíduo. Finalmente, levanta hipóteses em torno do sentido da violência dentro do processo de individuação da humanidade.

Palavras-chave: *agressividade; violência; arquétipo; individuação; desenvolvimento.*

Abstract

The article's proposal is an application of the theory about violence to the practical violence that is experienced today. It explores the theme from the perspective of Jung's Analytical Psychology. The article addresses the origins and manifestation of violence in the process of individual development. Finally, it proposes a search for the meaning of violence lived today within the process of individuation of humanity.

Keywords: *aggressiveness, violence, archetype, individuation, development.*

* Praças das antigas cidades gregas onde se fazia o mercado e onde se reuniam as assembléias do povo.

** E-mail: paola.vv@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Dirijo nas ruas paulistanas em direção à minha casa, pensando nos fundamentos da violência a partir de diferentes autores, para a realização deste artigo. De repente, o passageiro ao meu lado, sobressaltado, alerta: “deixa ele passar, deixa ele passar, se não ele chuta seu vidro!” Ele se referia a um motoqueiro que vinha correndo e buzinando atrás de nós, pressionando para nos manter longe da faixa – na qual desejava prosseguir em trânsito, sem interrupção em seu caminho. Entre assustada e raivosa com a violência do gesto, alinho meu carro rigorosamente atrás do que está na frente e penso nas contradições da vida. De que nos serve a teoria se a realidade está cada vez mais violenta? Desconfiada da validade dessa questão, penso mais uma vez e me proponho à reflexão teórica, buscando no conhecimento um sentido para a vivência cotidiana da violência na atualidade.

Com essa intenção este artigo examina dados sobre a violência nos dias atuais. Relaciona a concepção de violência da etologia e da antropologia e as compara à visão da psicologia analítica. A partir da referência teórica de Carl Gustav Jung, explora o tema da violência em sua relação com o desenvolvimento do indivíduo. Relaciona, posteriormente, a violência ao momento atual de desenvolvimento da humanidade. Finaliza levantando hipóteses sobre o sentido da violência que vivemos atualmente.

A VIOLÊNCIA HOJE

Se tomarmos como referência Guggenbuhl-Craig (1995), a violência é natural: a natureza é violenta. A visão idílica da natureza é uma criação do homem, que sai a passear aos domingos no parque e diz para si que ali reside a paz. Isso não é verdade. Terremotos, maremotos e erupções vulcânicas fazem parte dos processos da natureza. A luta, a guerra e a fome fazem parte da história da humanidade e se mantêm desde os tempos mais remotos. Os processos da vida humana incluem experiências violentas como doença, morte e alienação.

O cristianismo rejeita a violência e afirma “ofereça a outra face”, mas... Jesus usou de violência para expulsar os ladrões do templo e a

violência não está na lista dos sete pecados capitais – o que nos faz crer que ela é natural, também, para o cristianismo.

Guggenbuhl-Craig (ibid.) não deixa, pois, qualquer dúvida a respeito da violência da natureza e do homem como parte dela. Chegamos aqui a um impasse: será também natural a violência que vivemos hoje, em nível mundial? Só aqui no Brasil os exemplos abundam: rebeliões organizadas nos presídios do estado de São Paulo e entorno. Quatrocentos e noventa e dois mortos e violentos ataques à população civil e a policiais nos ataques do PCC, em 2006. A câmara dos deputados foi destruída por sindicalistas. Amanhã, não sabemos o que será. Mas sabemos que será.

Nos anos 80, os acidentes de trânsito representavam a principal causa de morte entre as causas externas. Na década de 1990, as agressões (homicídios) passaram a ser a primeira causa de morte entre as mortes violentas. Entre 1980 e 2000, as agressões (homicídios) foram responsáveis por 584.457 mortes no país, deste total 401.090 óbitos ocorreram entre 1990 e 2000. Os homicídios são responsáveis por 38% dos óbitos por causa externa em 2004 (Secretaria de Vigilância em Saúde, 2004).

No Brasil, há mais probabilidade de se morrer vítima de uma arma de fogo do que em países conflagrados por guerras. Os registros da Unesco permitem verificar que, entre 1979 e 2003, acima de 550 mil pessoas morreram no Brasil como resultado de disparos de algum tipo de arma de fogo, num ritmo crescente e constante ao longo do tempo. Nesses 24 anos, as vítimas de armas de fogo cresceram 461,8%, quando a população do país cresceu 51,8%.

A pesquisadora Maria Helena Prado de Mello Jorge afirma que a participação das causas externas no total de mortes da população infanto-juvenil cresceu nas últimas duas décadas. Na faixa etária entre 15 e 19 anos, três quartos das mortes são decorrentes de acidentes e violência. “Isso está retratando o aumento da violência no país, inclusive contra a criança”, analisa.

A violência tem se manifestado com crescente intensidade e frequência. Não acreditamos que a violência vivida hoje é simplesmente natural, como afirma Craig (1995). Levantamos a hipótese de a violência, como se manifesta hoje, ser a maneira pela qual a natureza demonstra um desequilíbrio no processo de desenvolvimento do homem.

VISÕES DA VIOLÊNCIA

Optaremos neste artigo pela visão da violência como uma das formas de manifestação da agressão, como afirmam Mizen (2003) e Fordham (2006).

Para Whitmont (1991) a violência/agressão são instintos básicos que, quando personalizados e canalizados na direção de objetivos específicos, podem ser refinados em anseios, amor, auto-apreciação, etc. Nossa cultura tem reprimido sistematicamente uma ampla gama de instintos e emoções, gerando um estado de despersonalização e frieza. Hoje estamos carentes de situações de vida que possam articular a violência para canais construtivos.

Em grego, “tragédia” quer dizer “o canto do bode”, referindo-se a Dioniso; a agressão e a violência dionisíacas são essenciais ao desenvolvimento da auto-afirmação e da sensação expansiva de estar vivo, assim como à transformação e ao crescimento psicológico. Reprimimos o dionisíaco, do qual fazem parte o desejo, a agressão, a alegria e a destruição. Em função disso a inveja, a cobiça e a hostilidade destrutiva dominam cada vez mais.

Os valores predominantemente apolíneos de nossa civilização dificultam uma apropriação de aspectos essenciais, porém tidos como “inferiores”, como o corpo, as emoções e os instintos. Esses conteúdos dissociados tornam-se perigosos, colocando nossa existência individual e coletiva em risco. O descontrole e a crescente violência, e o aumento de determinadas doenças, como as cardiovasculares, denunciam esse estado de dissociação.

Oliveira (2005) apresenta estudos de base antropológica (cultura) e etológica (genética) reconhecendo a validade e a importância de ambas as visões, mesmo que aparentemente sejam excludentes. Nesse sentido, ela introduz o conceito de arquétipo de Jung como uma possibilidade de trânsito entre ambas as abordagens, uma alternativa para um acordo maior sobre esse dilema antigo: cultura *versus* biologia (aprendido *versus* inato).

Oliveira (ibid.) afirma que os etólogos apontam para os aspectos biológicos da espécie humana como principais determinantes da agressão e da violência. Aponta que culturas diferentes, como a oriental e a ocidental,

possuem o mesmo âmbito guerreiro e conquistador, baseado no controle das fêmeas, solidariedade com os outros machos e competição com os adversários de outras tribos.

A visão da antropologia segue na direção contrária, aponta a cultura como o fator determinante da agressão. É o que encontramos na argumentação de Mead (apud Oliveira, 2005). Ela relata um estudo realizado entre duas tribos próximas: arapesh e mundugumor. A primeira apresenta sua organização social na qual as diferenças são respeitadas, homens e mulheres exercem atividades comuns e ser gentil é uma norma. Em contrapartida, os mundugomor são hostis, canibais e competitivos: seus jovens são forjados em um “adestramento espartano” que os torna duros e agressivos. A comparação das duas tribos pela autora demonstraria que a cultura pode criar agressão. Afinal, a agressividade é inata ou construída pela cultura?

A psicologia analítica tem uma proposta. A agressividade é inata e construída pela cultura. Oliveira (ibid.) afirma que o arquétipo, por ser preexistente em todas as culturas, é inato, sendo aceitável sua identificação com as raízes biológicas. Mas há que considerar também, continua ela, a vivência arquetípica como uma potencialidade virtual, que pode se manifestar das mais variadas formas, conforme o contexto cultural onde se atualiza.

No caso da violência, concordamos com Craig (1995), quando ele afirma que não se trata de um arquétipo. Como ela envolve intensidade e perigo, relaciona-se ao arquétipo da sombra. Assim, toda vez que se age com violência, os conteúdos do arquétipo da sombra são constelados e emergem, tendendo a se expressar com autonomia. Isso explica o perigo da ação impulsiva e destrutiva nessa situação, em que o ego deixa de coordenar a ação psíquica.

Podemos encontrar um esclarecimento sobre o funcionamento do arquétipo a partir da abordagem de Jaffé (1995). Ela afirma que o arquétipo psicóide, em sua aparente contradição, abarca tanto o psíquico como o físico. Aquilo que fora concebido como oposição, como realidades aparentemente opostas, é parte da mesma realidade. Assim, agressividade e sombra são aspectos pertencentes à realidade unitária, que é herdada como potência e estimulada diferentemente em cada ambiente e momento histórico. A forma como é vista e tratada a agressividade em cada cultura vai determinar como ela se manifestará.

DESENVOLVIMENTO E VIOLÊNCIA

Para a psicologia analítica, o processo de diferenciação, condição para o desenvolvimento individual, envolve distanciamento do ego da totalidade original. Nesse movimento, o ego tende a relacionar-se e firmar-se no mundo exterior, concretizando sua identidade pessoal. A forma como esse conteúdo é vivido e as escolhas conscientes dotam o ego de sua característica particular, e permitem-no diferenciar-se da totalidade original. Sobre isso afirma Spielrein:

Todo conteúdo que aparece na consciência é produto que se diferencia de outros, psicologicamente mais velhos. O conteúdo é adaptado ao presente e contém um colorido específico que determina a sua relação com o ego. Isto corresponde à nossa tendência à diferenciação. (1994, pp. 173-174)

Como afirma Edinger (2003), comprometimentos estruturais na relação do ego com a totalidade impedem a devida “encarnação” na realidade espaço-temporal. Indivíduos carentes de afeto nas primeiras etapas da vida desenvolvem fortes defesas contra o sentimento de abandono e, conseqüentemente, não conseguem abrir mão da totalidade impessoal característica da indiferenciação originária. Os sentimentos de abandono são cindidos na personalidade e não podem dessa maneira ser integrados, impossibilitando ao indivíduo um desenvolvimento adequado. Parte da psique do sujeito fica fixada nessas etapas primitivas do desenvolvimento e adquirem um comportamento autônomo e destrutivo.

Fordham (2006) concorda. Afirmar que a violência é conseqüência da falha na integração de aspectos normais e agressivos da personalidade. Isto é, uma falha na utilização da agressividade para a afirmação do ego no mundo exterior e o afastamento deste do self. A violência é vista pelo autor como incontinência e agressão projetada.

Para superação desse estado de coisas, segundo o autor, seria necessária uma reimersão no reino das mães, para que, a partir do movimento introvertido, se aprendesse com a experiência. Os rituais praticados em Elêusis tinham essa finalidade. A de aproximar o indivíduo das emoções para que ele pudesse retornar ao mundo fortalecido.

Schwartz-Salant faz referência aos mistérios eleusianos, que são uma resposta grega à cura do transtorno que se abate sobre o homem quando da passagem da realidade arquetípica para realidade cercada por limites espaço-temporais:

Os mistérios eleusianos, enraizados no mitologema de Deméter-Perséfone, foram uma tentativa de cura e de reaproximação com uma totalidade outrora conhecida, diante das quais nossas modernas teorias psicoterapêuticas se afiguram significativamente débeis. (1996, p. 182).

Para que esse processo de “cura” pudesse ocorrer, os iniciados em Elêusis identificavam-se com as emoções de dor e raiva de Deméter. Esse ritual acontecia anualmente, com o intuito de renovação da vida. Tinha um enorme valor religioso e social, acreditava-se que, se não fosse celebrado, o cosmos seria destruído.

Von-Franz e Hillman no livro *A tipologia de Jung* comentam esse processo:

Muitas coisas sombrias ocorrem nesse retorno incestuoso – estamos outra vez no reino das “mães”, onde a função sentimento encontra impulsos suicidas, desespero, desmembramento, um sentido de horror e de podridão (putrefação), famintas necessidades orais na forma de desesperadas ânsias e compulsões. Por meio do retorno a esse nível, a função sentimento pode selecionar os valores dessas experiências e estabelecer um relacionamento com o chamado lado negro da psique. Se isso não tiver ocorrido, se o sentimento introvertido não tiver funcionado através do reconhecimento do valor dessas experiências, tornamo-nos vítimas do incesto. De vital importância em toda crise ou colapso é a descoberta do *valor* que têm, o qual precede o seu significado. Quando não fazemos a avaliação das nossas confusões neuróticas e psicopáticas, perpetuamos a confusão e perdemos a oportunidade de libertar o sentimento da mãe. (1995, p. 168)

Perturbações na relação mãe-bebê podem dificultar, posteriormente, na idade adulta, a regressão construtiva a esse “reino das mães”. O encolhimento do ego e o contato com o caos emocional característico desse estado pode ser insuportável para esses indivíduos. A impossibilidade de contactar a boa mãe para guiá-los na escuridão aprisiona esses indivíduos numa condição narcísica. A mãe positiva, que dá estrutura e força para o ego, é capaz de nortear o indivíduo que transita por sua esfera:

Constelar a boa mãe num relacionamento significa tão-só maternar, apoiar e nutrir, ser gentil para com a fraqueza, para com o desnorreamento e a infantilidade do outro sem se sentir ameaçado, confuso e explorado, e sem se tornar hiperativo e terapêutico. (p. 169)

O mito de Narciso mostra-nos a dificuldade humana de realizar a potência que todos nós temos, na vida concreta. Revela uma paralização do desejo na imagem de si mesmo, sem que se possa relacioná-lo ao outro. Borderlines e narcísicos têm dificuldade de constelar a mãe positiva: tornam essa experiência do “interesse vivaz” e a aceitação do indivíduo com suas imperfeições algo quase impossível. Com isso, o interesse e o investimento no mundo real, concreto, fica também dificultado, visto que o mundo é cheio de imperfeições.

O pensamento de Schwartz-Salant (1990) é coerente com a idéia de que, na base do sentimento de hostilidade e agressão, está a necessidade premente de diferenciação. A fixação nesse estado seria uma patologia narcísica que, pela impossibilidade de integração da experiência de “encarnação”, de realização do ego, o indivíduo fica fixado a meio caminho entre as polaridades pessoal e arquetípica. Em função disso, o caráter narcisista está aprisionado, defendido contra a depressão e o sofrimento.

A passagem do mundo arquetípico para o mundo temporal é extremamente dolorosa. É necessário que haja o sacrifício da totalidade impessoal e indiferenciada para que uma porção da totalidade possa se encarnar. É nesse estágio que se dá a separação entre a psique e o corpo, sentida como perda da alma.

Nossa cultura tem valorizado excessivamente o ego sem que, contudo, haja uma compensação de ressignificação e revitalização pela rendição ao self. Os rituais outrora celebrados para essa finalidade perderam seu significado. A mídia, segundo Oliveira (2005), é uma expositora da violência, mas, ao mesmo tempo que expõe virtualiza, afasta da esfera da vivência real, concreta. Esse afastamento nos aliena do contato real com essa vivência.

A proposta de Oliveira é o contato com a violência e a agressividade em rituais simbólicos. Ela aponta o esporte como um desses ritos. O esporte, segundo ela, é uma “guerra ritualizada” e permite que o arquétipo

do herói seja constelado de forma criativa e não destrutiva. Essa vivência não sendo efetuada, a agressividade volta-se contra o ego e o portal para as psicopatologias fica aberto.

Para Edinger (2003), a totalidade original proporciona ao ego fundamento, estrutura, segurança e, além disso, energia, interesse, significado e propósito. Quando essa conexão vital se quebra vem o vazio, o desespero e, em casos extremos, a psicose ou suicídio. Ele entende que o estado de alienação é um estado no qual o ego perde sua conexão com a fonte original. Em alguns momentos e até certa medida, a alienação é necessária e faz parte do desenvolvimento normal, contudo, se a criança não for suficientemente aceita e amada na infância, complicações mais sérias podem surgir com a fixação num estado perpétuo e insuportável de alienação. Por outro lado, uma estruturação primária bem feita, a partir de uma relação parental afetiva, com a configuração de um Si-mesmo sadio, vai possibilitar ao indivíduo a vivência de períodos de afastamento da fonte original de maneira mais suave e construtiva.

A alienação provocada pelo afastamento do ego em relação à totalidade possibilita sua desidentificação com esta. Esse é um processo natural e faz parte do desenvolvimento da personalidade. O afastamento é o fator que vai viabilizar o desenvolvimento da consciência. Contudo, quando a relação primal foi satisfatória, o ego sabe que é o filho legítimo e amado. Nessas condições, ele será capaz de se afastar, convicto e seguro da sua “missão”: intuitivamente ele sabe que a totalidade original estará sempre zelando por ele.

Para Edinger (*ibid.*), por trás de toda forma de violência está a experiência de alienação. O sentimento de ser rejeitado pode ser tão forte e insuportável que, em casos extremos, pode conduzir ao suicídio ou assassinato. A única diferença é a direção que a energia destrutiva vai tomar.

À guisa de síntese, poderíamos pensar em duas formas de violência, ambas produto da agressividade. Uma, primeira, que traz consigo a marca da individuação: aponta para a independência e afirmação do ego, mas não rompe com self; e uma, segunda, advinda de estados patológicos de alienação e que possuem uma característica obsessivo-compulsiva.

VIOLÊNCIA NO ÂMBITO SOCIAL

Isso nos encaminha para uma forma de olhar e trabalhar característica da psicologia analítica: olhar para a realidade como manifestação de uma dimensão potencial, diretamente intocável, a arquetípica. O aspecto que se evidencia pode representar somente uma das polaridades do arquétipo. Uma vez constatada, na realidade, a manifestação unilateral, sabe-se que a outra polaridade está disponível, como potência inconsciente, para se apresentar. No caso da violência, poderíamos utilizar essa referência teórica para perceber que sua manifestação vem expressar um potencial agressivo mal utilizado da humanidade, que pertence a uma sombra não reconhecida.

O reconhecimento da agressividade propicia uma força adaptativa (necessária) ao convívio humano, consigo e com os iguais. Se ela não está sendo reconhecida e, portanto, não está sendo bem utilizada, é porque esse aspecto do arquétipo da sombra está cindido. Há, portanto, a necessidade de reconhecer o que está obscuro e se manifesta por impulso inconsciente. Há que relacionar as partes desconectadas, a consciência e o inconsciente, para propiciar o desenvolvimento do potencial que não tem sido propiciado.

Soma-se a isso a constatação de que a polaridade do arquétipo que não é manifesta na realidade fica carregada energeticamente. Isto é, diante de manifestações unilaterais, existe a tendência de pressão da polaridade que está no inconsciente para se manifestar. A parcela da população que se manifesta com violência, hoje, pode representar no âmbito social esse aspecto reprimido e não reconhecido. Ela revela, inclusive, um poder inegável. E esse poder tem que ser reconhecido para que possa haver transformação. Para isso é necessário que ela seja evidenciada, e não negada, projetada ou mesmo dissociada.

A violência hoje evidencia um poder utilizado com pouca consciência pela população, de uma forma geral, até a atualidade. Gallant (1996) faz uma análise histórica da relação entre Freud e Jung, e defende a tese de que marginalidade é poder. Christine Gallant argumenta que Freud criou um tabu de Jung em seu círculo inicial, e não deixou de valorizá-lo, uma vez que se apropriou de muitas das idéias de Jung. Como o próprio Freud falou, afirma a autora, de pessoas e coisas que são tabu, sê-lo é ter um tremendo poder.

A idéia de marginalidade como poder permeia a obra de Jung, em congruência com a postulação do movimento polar do psiquismo. Tudo aquilo que, segundo Jung, é excessivamente reprimido ou minimizado em sua força e importância, tende a ganhar força e retornar à superfície. Essa postulação, aplicada ao estudo da violência que ora realizamos, esclarece a possibilidade de entrarmos em contato com o outro reprimido ou desconhecido por completo.

Com isso, estamos levantando a hipótese de que a vivência atual em relação à violência faz parte do processo de desenvolvimento da humanidade, que tem correlações com o que ocorre no indivíduo. A presença de elementos construtivos e destrutivos, tanto no desenvolvimento do indivíduo como no desenvolvimento da humanidade, é natural. Para que o novo possa ser criativo, há que canalizar construtivamente os esforços. Segundo Spielrein:

O instinto de autopreservação é um instinto simples, que se origina exclusivamente de um componente positivo; o instinto de preservação das espécies, que deve dissolver o velho para preservar o novo, e surge de componentes positivos e negativos. Em sua natureza, preservação das espécies é ambivalente. No entanto, o impulso do componente positivo simultaneamente soma força no impulso do componente negativo e se opõe a ele. A autopreservação é um impulso estático porque deve proteger a existência individual de influências estrangeiras. Preservação das espécies como um instinto dinâmico pede mudança, a ressurreição do individual numa nova forma. Nenhuma mudança pode tomar lugar sem destruição da condição original. (1994, p. 174)

O novo que passa pela consciência tem a condição de se tornar útil para a comunidade, como a arte, por exemplo. O novo que emerge do inconsciente e chega ao mundo externo sem crítica pode simplesmente destruir, o que podemos observar no mundo em que vivemos em diferentes situações.

Consideramos que o homem atual, acreditando-se independente do mundo, sem responsabilidade para com o coletivo e para com os outros, em geral, é violento sem o saber. Desrespeita o outro e a natureza, por considerar-se o centro. Indiretamente, causa a violência crescente que vivemos. A sombra que ele desconhece aparece na experiência social: no assalto, no roubo, na violência em geral.

Conforme Huskinson (2002) apontou, o self é violento. A sua compreensão exige a aproximação da sua essência como um poder superior e de uma entidade violenta. Essa violência é essencial para a sua definição. Esse argumento da autora é extremamente atual. Se temos algo a aprender no que tange à intensidade e imperiosa força de self, as experiências destrutivas da atualidade podem ser uma boa demonstração.

Neumann posiciona-se em relação a essa questão magistralmente: ele associa a situação social da emergência da sombra com o desenvolvimento do homem. Começa afirmando como é tarefa difícil assumir a sombra:

Assumir a própria imperfeição é tarefa extraordinariamente difícil. Todo homem, independentemente do tipo psicológico e do sexo, possui sua função de menor valor em sua sombra. E assimilar esse lado da personalidade custa por isso a todo homem. (1991, p. 60)

O lado negativo pode ser negado, segundo o autor. Mas, segundo ele, é tarefa do homem atual enfrentá-lo e saber como encaminhar com a consciência essa sua faceta:

O homem ocidental encontra-se – ao contrário, por exemplo, do homem medieval-cristão ou do homem antigo, asiático ou primitivo – em estado de redução coletiva do seu próprio valor, que urge tomar como fato e reelaborar. Não se pode mais anular a irrupção do lado escuro na consciência ocidental. Em nenhum período da história da humanidade o lado escuro passou dessa forma ao primeiro plano do interesse. O doente, o psicopata e o louco, o degenerado e o deficiente, o desamparado, o anormal e o criminoso suscitam o interesse e a simpatia do homem moderno. (Ibid., p. 61)

Neumann afirma que não é a primeira vez que ela surge no coletivo e se torna problema com o qual lidar:

Seria exagero dizer que nenhuma época anterior teria visto essa dimensão do homem. As religiões de redenção, entre as quais o cristianismo, sempre se voltaram para esse lado do homem. Mas, em períodos anteriores as camadas humanas profundas eram vistas como más e carentes de redenção, devendo ser rejeitadas e buscando exilá-las e reprimi-las no cânon de valores. Essa fascinação do homem moderno pelo lado obscuro “quer”, com efeito, algo dele, não se podendo omitir ou eliminar, inventando interpretações.

No seu escuro reside o perigo, mas também o germe de toda evolução futura do ocidente, se bem que de imediato ocupe o primeiro plano seu caráter de desgraça e abalo. (Ibid., p. 63)

O homem que é abalado coletivamente, mas não reflete sobre sua própria sombra, torna-se um perigo para o mundo. Fazem-se, pois, necessárias a introspecção e a visualização da sombra pelo próprio indivíduo. Afirma ainda Neumann:

O abalo coletivo do homem moderno, principalmente quando permanece inconsciente e não elaborado, ou seja, não se tornou experiência individual do homem, conduz a uma série de reações perigosas, que marcam, coletiva e individualmente, a imagem de nossa época e de nossos contemporâneos. (Ibid., p. 64)

Faz-se mister distinguir, segundo o autor, duas orientações básicas, que podem se vincular entre si de modo característico no homem individual.

Uma dessas tendências representa uma reação deflacionista: é coletivista e desvaloriza o indivíduo e o ego. A outra é uma reação inflacionária: é individualista e supervaloriza e dá maior peso ao indivíduo e ao ego. Ambas são tentativas inconscientes de fugir do problema propriamente dito. Ambas comungam em querer ocultar que se faz necessária uma nova ética para que possamos acalmar os conflitos que molestem o homem moderno. (Ibid., p. 65)

Neumann chama de nova ética aquela que concebe a personalidade total como base para qualquer atitude, e sugere que é condição para a sua existência o homem assumir sua própria sombra:

A nova ética repousa sobre a conscientização das forças positivas e negativas da estrutura humana e sobre a sua inserção consciente na vida do indivíduo e da comunidade. A sombra, que é mister assumir, é o forasteiro da vida. Ela é a forma individual que o lado escuro da humanidade assume em mim e por mim como parte de minha personalidade. (Ibid., p. 74)

Para ele, é necessário desenvolver consciência do coletivo, do pertencimento e da dependência de dimensões de vida além da concreta e imediatamente vivida. Spielrein descreve este processo:

Se queremos fazer nosso conteúdo específico acessível a outros, temos que de-diferenciá-lo: nós vestimos o conteúdo pessoal específico e o estampamos com forma simbólica e aplicabilidade coletiva. Aqui, nós usamos nossa segunda tendência, de assimilar ou dissolver, que se opõe à diferenciação. Assimilação produz a condição de unidade considerada como eu em uma considerada nós. Dissolução e assimilação transforma essa experiência pessoal numa experiência coletiva na forma de trabalhos como arte, sonhos, simbolismo patológico, fazendo um nós do eu. (1994, p. 174)

Ao olharmos para o âmbito coletivo, podemos reconhecer poucas alternativas eficazes no que tange à violência. Muito pouco o homem tem feito no sentido da de-diferenciação, necessária às soluções para o coletivo. O homem tem, também, demonstrado dificuldade em cuidar do seu meio de maneira geral, tão pouco identificado que está com ele.

Se, de um lado, observamos uma pressão realizada pela violência, de outro, podemos observar uma demora, e certa resistência na proposição de alternativas que efetivamente realizem mudanças sociais e que retornem com os recursos individuais para o coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM POSSÍVEL SENTIDO

A experiência de ser violentado persegue o homem atual. Não há como fugir. Para ir trabalhar, o trânsito nos invade com experiências indesejáveis. No trabalho, a competição é violenta. Todos vivem para ganhar, mais e mais. A televisão bombardeia notícias violentas de toda parte. Se essas notícias sempre existiram, hoje fazem parte da vida de todos. A vida tinha aspectos de violência. Hoje, ela é violenta.

Craig (1995) afirma que a violência é natural. Com isso, concordamos. A violência sempre esteve presente, mas hoje senta no nosso colo. É a vizinha, a companheira de todos os dias. A psicopata que mata os pais é nossa colega da PUC. Classe média-alta, boa aparência, boa formação. O PCC queimou o ônibus em que estava um conhecido. Fui xingada e ameaçada várias vezes no trânsito nessa semana. Cada um de nós tem, hoje em dia, uma coleção de histórias para contar sobre violência.

Levantamos a hipótese de que a violência nos ataca diretamente hoje para cumprir sua finalidade. Expressando-se da melhor forma possível do universo desconhecido pelo coletivo, exige um trabalho de cada indivíduo que vive a atualidade.

A totalidade, isolada e desrespeitada porque não reconhecida em suas necessidades, rompe a representação social do ego. Self se manifesta colocando a cada um de nós em situação de vulnerabilidade diante da agressividade: devo reagir ou não? Quanta proteção é necessária para viver ?

Consciente ou não de que faz parte desse caldeirão de possibilidades que não tem encontrado saída construtiva, o homem atual é obrigado a se relacionar com a agressividade do outro e dele mesmo. A violência o invade e demonstra que ele é muito mais frágil e impotente do que imagina. Coloca o poder do outro, aparentemente pobre e sem valor, à mostra. Rompe a segurança do ego.

A psicologia analítica, fundamentada nos pressupostos anteriormente expostos, sugere que a patologia narcísica, que implica a incapacidade de olhar o outro, pode estar na base dessa situação. Assim como o indivíduo que tem uma experiência de relacionamento frágil com a totalidade original, a sociedade atual também apresenta indícios de um “ego desconectado”. O homem atual perdeu a humildade, o contato com a fonte e a relação com a natureza. Em função disso, a própria natureza o pressiona, mediante a violência.

Não há outro trabalho a fazer senão aquele que começa com a consciência. Fazermos contato com o que é podre, feio, indesejável dentro de nós mesmos. Falamos aqui daquilo que corresponde, no psiquismo, ao reprimido, indesejável porque feio, sujo, fora dos padrões. Mas falamos mais do que isso. Além do retorno do reprimido, a hipótese é que se possa evidenciar no mundo atual um movimento de retomada para a ação consciente. O relato de Jaffé, do mito atual – a superação dos antagonismos –, nos traz alguns elementos para a compreensão desse processo.

O processo de individuação é a realização progressiva da unidade na vida e toma forma de um confronto entre o consciente e o inconsciente, o eu e o self. Nesse confronto o eu parece, de início, o perdedor. Resultando originariamente do self, o eu está para o self, como o que é movido para aquilo

que move, como o objeto para o sujeito, porque os fatores determinantes que se irradiam do self cercam o eu por todos os lados e são, portanto, superiores a ele. (1995, p. 89)

Nesse sentido, devemos utilizar a vivência de sermos violentados para nos perguntarmos em que medida essa violência nos pertence. Em que medida podemos ter parte na violência pela não reflexão e não ação. O que temos dificuldade de ver em relação à agressividade e sua canalização.

A violência que vivemos hoje favorece isso: está na praça para ser vista e discutida pelo povo, é agora. Para bem encaminhá-la há que assumi-la como parte de cada um de nós, processo exigente e longo para aquilo que ainda é visto e reconhecido somente no mundo externo. A partir da perspectiva de que o desenvolvimento está no reconhecimento, tanto do que há externamente quanto do que há internamente, há muito o que fazer. Segundo Craig (1995), existe a violência a serviço de eros – e esse deve ser o objetivo. Não devemos negá-la, portanto, mas utilizá-la para a compreensão e construção de uma sociedade melhor.

A busca de sentido para o que é vivido dentro do processo da humanidade é opcional. Custa o preço da consciência de si e paga com o desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- CALHEIROS, R. (org.) (2005). *Mortes matadas por armas de fogo no Brasil*. Unesco, Série Debates VII. Disponível em: <http://www.unesco.org.br>
- EDINGER, E. F. (2003). *Ego e arquétipo: uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. Trad. A. U. Sobral. 7 ed. São Paulo: Cultrix.
- FORDHAM, M. (2006). *A criança como indivíduo*. Trad. M. Rosas. 10 ed. São Paulo: Cultrix.
- GALLANT, C. (1996). Tabooed Jung: marginality as Power. *Journal of analytical psychology*. Nova York: New York University Press.
- GUGGENBUHL-CRAIG, A. (1995). “The blessings of violence”. In: *From the wrong side – a paradoxical approach to psychology*. Ed e trad. Gary V. Hartman. Connecticut: Spring Publications.

- HUSKINSON, L. (2002). The Self as a violent Other: the problem of defining the self. *Journal of Analytical Psychology*, 47, 437-458.
- JAFFÉ, A. (1995). *O mito do significado – na obra de Jung*. São Paulo: Cultrix.
- JORGE, M. H. P. M. (2006). Violência e acidentes superam mortes naturais na população infanto-juvenil. Agência USP. Disponível em: <http://www2.usp.br>.
- MIZEN, R. (2003). A contribution towards an analytic theory of violence. *Journal of Analytical Psychology*, 48, 285-305.
- NEUMANN, E. (1991). *Psicologia Profunda e Nova Ética*. São Paulo: Paulinas.
- SECRETARIA DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (2004). *Evolução da Mortalidade por Violência no Brasil e Regiões*. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area>.
- OLIVEIRA, M. P. M. T. (2005). Reflexões sobre agressão e violência: da biologia à cultura. *Junguiana* 23, pp. 59-66.
- SCHWARTZ-SALANT, N. (1990). *Narcisismo e transformação do caráter: a psicologia das desordens do caráter narcisista*. Trad. A. U. Sobral e M. S. Gonzalvez. 5 ed. São Paulo: Cultrix.
- (1996). *A personalidade limítrofe: visão e cura*. Trad. D. C. Silva. 10 ed. São Paulo: Cultrix.
- SPIELREIN, S. (1994). Destruction as the cause of coming into being. *Journal of analytical psychology* 39, 155-186.
- VON-FRANZ, M. L., e HILLMAN, J. (1995). *A tipologia de Jung*. Trad. A. U. Sobral. 4 ed. São Paulo: Cultrix.
- WHITMONT, E. C. (1991). *Retorno da deusa*. Trad. M. S. Mourão. 1 ed. São Paulo: Summus.

Recebido em 31/3/2006; Aprovado em 2/5/2006